

ELEIÇÕES

Com a filiação de Bolsonaro ao PL, legendas avaliam embarque no projeto de reeleição do presidente ou alianças regionais

Partidos-satélites buscam rumo

» INGRID SOARES
» CRISTIANE NOBERTO
» LUANA PATRIOLINO

Agora que o presidente Jair Bolsonaro finalmente encontrou um partido para chamar de seu, as demais legendas que cogitaram recebê-lo analisam qual rumo tomar para as eleições de 2022. Filiado ao PL, desde o último dia 30, o chefe do Executivo flertou com o PP, PTB e despertou interesse do Republicanos.

O Patriota — legenda à qual Bolsonaro avaliou a filiação e acabou provocando um racha interno — ainda não decidiu se terá candidato próprio ou se apoiará um dos nomes já lançados na corrida ao Planalto. O presidente da sigla, Ovasco Resende, chegou a se reunir com o pré-candidato Sergio Moro e com Renata Abreu, presidente do Podemos — partido ao qual o ex-juiz se filiou —, na intenção de viabilizar uma eventual aliança, mas as negociações não avançaram.

Resende informou que a decisão sobre a eleição presidencial de 2022 só será tomada depois do parecer das lideranças estaduais, o que deve ocorrer até o final deste mês. Segundo ele, o foco do Patriota é cumprir a cláusula de barreira, um dispositivo legal que restringe ou impede a atuação parlamentar de um partido que não alcança um determinado percentual de votos.

“Vamos ouvir todas as regionais sobre termos de candidatura majoritária em nível nacional. Estamos aguardando essa análise para saber se teremos nome próprio ou se vamos apoiar algum candidato à presidência e, posteriormente, vamos decidir”, explicou. “A tendência é respeitar as decisões regionais, de cada estado, com suas peculiaridades. Temos de respeitar os locais, porque nossa principal meta, hoje, é cumprir a cláusula de barreira.”

Sobre a sondagem ao postulante do Podemos, Resende

Divulgação PL



Pretendido por vários partidos, Bolsonaro preferiu o PL de Valdemar Costa Neto, após dois anos sem vinculação a nenhuma sigla



Na última convenção, decidimos apoiá-lo. Indiferentemente do partido no qual esteja, Bolsonaro ainda representa o que está no estatuto do PTB. No partido, o Brasil todo está alinhado com a direita”

Graciela Nienov,
presidente do PTB

comentou que o país precisa de alternativas. “Fora da polarização, têm-se apresentado vários nomes de qualidade, e Moro se inclui nisso. É um nome novo na política. Ele tem grandes chances de agregar valores e criar musculatura”, avaliou. “Ainda é cedo para falar da Presidência da República. Temos até o final de abril para filiações, depois, as convenções em julho. Aí, sim, as coisas vão se definir.”

No PTB, outro partido que abriu as portas para a filiação de Bolsonaro, mas teve o convite recusado, a presidente, Graciela Nienov, afirmou que a sigla seguirá fechada com o chefe do Executivo. “Na última convenção, decidimos apoiá-lo. Indiferentemente do partido no qual esteja, Bolsonaro ainda representa o que está no estatuto do PTB. No partido, o Brasil

todo está alinhado com a direita”, frisou. “No Ceará, temos o Delegado Cavalcante; em São Paulo, Otávio Fakhouri; em Santa Catarina, Kennedy Nunes. Alinhamos todos os diretórios. Estamos tranquilos. Não vamos ter dificuldade nenhuma nos estados de alinhar com o grupo do Bolsonaro, não pelo PL, mas pelo Bolsonaro, a figura Bolsonaro”, enfatizou.

O PTB pretende filiar o ex-ministro da Educação Abraham Weintraub, em negociação com Fakhouri e, possivelmente, lançá-lo ao governo de São Paulo. No entanto, há um impasse pela disputa do Palácio dos Bandeirantes, pois Bolsonaro já afirmou que quer indicar o ministro da Infraestrutura, Tarcísio Freitas — ele deve se filiar ao PL.

De acordo com Nienov, a pretensão é eleger entre 25 a 30

deputados federais. Já para o Senado, onde o partido não tem nenhum representante, há dois nomes na mira: o deputado estadual Kennedy Nunes, de Santa Catarina; e o deputado federal Sérgio Moraes, do Rio Grande do Sul. Ainda segundo ela, a legenda deve receber migração de bolsonaristas, como a deputada estadual Alana Passos (PSL-RJ).

No caso do PP e do Republicanos, é quase certa uma aliança consolidada com o PL, que pode proporcionar palanques estaduais mais volumosos a Bolsonaro no Nordeste, reduziu petista.

Migração

A ida de Bolsonaro para o PL pode fazer com que aliados de outros partidos também se filiem à legenda. A expectativa é de que parlamentares do PP, PSL,

Bateu-levou com Dallagnol

O presidente Jair Bolsonaro usou as redes sociais, ontem, para contar que, em 2019, se recusou a receber o então procurador e coordenador da Operação Lava-Jato, Deltan Dallagnol, para uma audiência. Na ocasião, segundo o chefe do Executivo, o então integrante do Ministério Público estava sendo cotado “nas mídias sociais” para a Procuradoria-Geral da República (PGR), assim como Sergio Moro, no cargo de ministro da Justiça, era ventilado para o Supremo Tribunal Federal (STF). Bolsonaro disse que Dallagnol o acusaria de parcialidade por não indicá-lo à PGR. O vídeo foi postado num momento em que Moro (Podemos) ganha terreno nas pesquisas eleitorais para o ano que vem.

A gravação foi postada por Bolsonaro no Twitter e no Facebook. Nela, o presidente pede aos seguidores que assistam a outro vídeo, do youtuber conservador Kim Paim, que, segundo ele, mostra o “jogo do poder de forma documentada”. “Uma das passagens que não está ali: estava em 2019, faltava (sic) poucas semanas para eu indicar o PGR para o Senado. Um ajudante de ordens trouxe o telefone e falou: Deltan Dallagnol quer falar contigo. Eu falei: ‘Não vou falar com ele’”, diz Bolsonaro na gravação.

O chefe do Executivo disse que não o indicaria para a PGR e que o então procurador o acusaria de parcialidade. “Se eu tivesse uma audiência com ele, com toda a certeza, eu não iria indicá-lo para PGR, mas ele ia sair com uma história pronta — como eles faziam por ocasião de alguns



Se eu tivesse uma audiência com ele, com toda a certeza, eu não iria indicá-lo para PGR, mas ele ia sair com uma história pronta (...). E ia falar o quê? Que eu teria feito uma proposta indecorosa pra ele, para salvar algum parente”

Jair Bolsonaro, presidente da República



Jamais pedi reunião ou liguei para ele, nem antes nem depois da indicação do procurador-geral da República que acabou com a Lava-Jato”

Deltan Dallagnol, ex-procurador da força-tarefa

Divulgação/Podemos



Ex-coordenador da Lava-Jato, Deltan Dallagnol se filiou ao Podemos na semana passada

depoimentos na Lava Jato, escreviam o depoimento e chamavam o cara para assinar”, criticou. “E ia falar o quê? Que eu teria feito uma proposta indecorosa para ele, para salvar algum parente.”

Tanto Moro quanto Dallagnol se filiaram ao Podemos com vista às eleições de 2022. Moro é pré-candidato à presidência, mas o ex-procurador da Lava-Jato ainda não lançou candidatura prévia a nenhum cargo. Cogita-se que ele disputará uma vaga à Câmara dos Deputados.

Moro, por sua vez, tem destacado na terceira colocação em pesquisas eleitorais para o ano que vem. Pesquisa Genial/Quaest, divulgada na quarta-feira, mostrou que ele teria 11% das intenções de voto em um cenário sem candidaturas do PSDB, do PSD e do Novo. Ficaria à frente de Ciro Gomes (PDT), que atingiu 7% das intenções de voto,

mas atrás de Bolsonaro (PL) e do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), com 24% e 47%, respectivamente.

Pesquisa da Quaest feita para o Estadão mostra que 55% dos eleitores que não aceitam Bolsonaro ou Lula veem como acertada a decisão de Moro de se candidatar em 2022. Na amostra geral, 37% são favoráveis à decisão, e 50%, contrários.

Em 2019, Dallagnol chegou a ser cotado para a Procuradoria-Geral da República, na primeira indicação de Bolsonaro à chefia do Ministério Público. Entretanto, perdeu a vaga para o então subprocurador-geral, Augusto Aras, reconduzido neste ano à chefia do órgão.

Resposta

Também por vídeo, Dallagnol rebateu Bolsonaro. “Ao

contrário do que o presidente afirmou, eu jamais pedi reunião ou liguei para ele, nem antes nem depois da indicação do procurador-geral da República que acabou com a Lava-Jato”, disparou. “Interlocutores do Planalto me procuraram, em 2019, para perguntar se eu aceitaria me reunir com ele, mas eu recusei, do mesmo modo que recusei o convite para ir ao Palácio do Jaburu encontrar o então presidente Temer em 2016.”

Dallagnol disse respeitar a função de presidente da República, “mas nessas duas ocasiões, a nossa equipe de procuradores entendeu que os encontros não seriam apropriados porque alimentariam questionamentos infundados sobre o nosso trabalho, que sempre foi técnico, imparcial e apartidário”.

Patriota e Republicanos aproveitaram a próxima janela partidária para se unir à sigla de Valdemar Costa Neto.

O deputado federal Luis Carlos Heinze (PP-RS) disse que continuará na legenda, mas vê uma tendência de que outros políticos migrem para o PL por influência de Bolsonaro. “Muita gente vai acompanhar o presidente, mas eu continuo no meu partido”, ressaltou. “Aconteceu com o PSL, que já existia, mas com ele (Bolsonaro), cresceu muito.”

O deputado federal Átila Lira (PP-PI) acredita que a debandada será pequena. “Os que vão mesmo são os deputados do PSL. Eu sou do PP, mas não conheço ninguém que queira sair. Os deputados do PP, de maneira geral, não têm queixa do partido”, comentou.

O cientista político André César observou que “o fato de o presidente ter entrado no PL era uma bola cantada, gera questões no âmbito Centrão”. “O PP de Ciro Nogueira continua com muito peso, então, está jogando bem. É mais interessante porque não se vincula ao presidente. O PP fica livre para voar um voo solo tranquilo”, argumentou. “Os partidos do Centrão jogam muito fluido e vão disparando os interesses regionais deles.”

Na avaliação do cientista político Danilo Moraes dos Santos, professor do Ibmecc Brasília, as alianças nacionais de partidos do Centrão, como PP, PTB e Republicanos, com a chapa de reeleição de Bolsonaro devem ser objeto de intensa negociação até março de 2022, momento em que o cenário eleitoral ficará mais claro. “Se a aprovação do atual presidente seguir minguando e a composição com sua coligação majoritária impuser restrições severas a acordos com partidos de esquerda no plano regional, sobretudo no Nordeste, a tendência é de que o Centrão bata em retirada”, acrescentou.

» Discurso de campanha

No vídeo postado para rebater o presidente Jair Bolsonaro, o ex-procurador Deltan Dallagnol alfinetou o mundo político — onde ele, agora, entrou — e adotou, inclusive, discurso de campanha. “Enquanto eu consegui prender corruptos e recuperar bilhões, eu permaneci no Ministério Público, mas, recentemente, o mundo político acabou com a Lava-Jato, anulou as condenações e mudou as regras para que a Lava-Jato nunca se repita”, reprovou ele, que deve sair candidato a deputado. “É no mundo político que precisamos desmontar os retrocessos e avançar. Por isso, saí do Ministério Público para servir a você na política, o que foi uma decisão difícil. Mas resolvi fazer tudo ao meu alcance para diminuir a corrupção e a impunidade, que nos acorrentam ao atraso.”

“O presidente Bolsonaro também errou ao dizer que os procuradores escreveriam as delações dos colaboradores, talvez, porque ele não teve a oportunidade de conhecer melhor o nosso trabalho na Lava-Jato”, alfinetou. “Todos os acordos de colaboração foram negociados com as defesas, e os fatos e as provas foram trazidos espontaneamente pelos colaboradores. Os bilhões que foram devolvidos por réus confessos não deram em árvores.”

O ex-procurador aproveitou para dar uma estocada no PT. “Nós não devemos dar voz ao discurso alucinado de apoiadores do ex-presidente Lula, de que o petróleo teria sido uma invenção, o que é uma alucinação daqueles que querem preservar o sistema de corrupção contra o qual nós lutamos”, enfatizou.